

METAPESQUISA EM TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE DOCÊNCIA E PESSOAS TRANS: QUEERIZAÇÃO COMO APOSTA

Jonathan Vicente da Silva ¹, *Maria Cláudia Dal'Igna* ²

Catharina da Cunha Silveira ³

Resumo

O presente artigo apresenta parte da discussão realizada em uma dissertação de mestrado desenvolvida em um Programa de Pós-Graduação em Educação, no sul do Brasil, articulado a um projeto e a uma agenda de pesquisa mais abrangente que tem se ocupado em pensar a profissionalidade docente na contemporaneidade, desde os Estudos em Docência, Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas, Estudos Queer e Estudos Foucaultianos. Procedeu-se uma metapesquisa, compondo um corpus empírico com três teses de doutorado e cinco dissertações de mestrado, com foco na análise da docência exercida por pessoas trans, realizadas entre 2009 e 2019, localizadas no banco de teses e dissertações da Capes. A produção de conhecimento sobre a relação entre pessoas trans, escola e Educação mostra que, embora a escola constitua-se como um espaço que regula e normaliza a existência docente, ela também tem sido promotora de possibilidades outras de existir como pessoa trans. Relaciona-se este resultado à tese decorrente da pesquisa "A produção de sentidos sobre afeto, amor e cuidado na formação inicial docente sob a perspectiva de gênero" e, desta forma, argumenta-se que, para além dos efeitos sobre suas existências, a presença trans impacta a própria compreensão do que deva ser a docência, em um processo aqui nomeado como queerização.

Palavras-chave: Docência; Transexualidade; Gênero; Queer; Metapesquisa.

META-RESEARCH IN THESES AND DISSERTATIONS ABOUT TEACHING AND TRANS PEOPLE: QUEERIZATION AS A BET

Abstract

This article presents part of the discussion carried out in a Master's Dissertation developed in a Graduate Program in Education in Southern Brazil, articulated to a Project and a broader research agenda that has been concerned with thinking

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista CAPES/PROEX. Integrante do Lola: Grupo de Pesquisa em Trabalho Docente, Gênero e Sexualidade.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS. Coordenadora do Lola.

³ Doutora e pós-doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS. Integrante do Lola. Professora da rede municipal de ensino de Porto Alegre, atua na gestão da condicionalidade da Educação do Programa Bolsa-Família.



about teacher professionalism in contemporary times, from Teaching Studies, Poststructuralist Gender Studies, Queer Studies and Foucauldian Studies. A meta-research was carried out, composing an empirical corpus with three doctoral theses and five master's dissertations that focused on the analysis of teaching carried out by trans people, located in the Banco de Teses e Dissertações da Capes as productions carried out between 2009 and 2019. This empirical work is examined, describing that the production of knowledge about the relationship between transgender people, school and Education shows that, although the school is constituted as a space that regulates and normalizes the teaching existence, it has also been a promoter of other possibilities, of being, of staying, and existing as a trans person. This result is related to the thesis resulting from the research "The production of meanings about affection, love and care in initial teacher education from a gender perspective" and, thus, it is argued that in addition to the effects on their existence, the trans presence impacts the very understanding of what teaching should be, in a process named here as queerization.

Keywords: Teaching; Transsexuality; Gender; Queer; Meta-research.

1. Introdução: sobre este texto como uma aposta

Que relação pode ser mapeada, descrita e analisada entre docência e transexualidade no contexto da produção acadêmica educacional brasileira entre os anos 2009 e 2019? Guiadas/o por esta problemática, apresentamos, neste artigo, parte da discussão realizada em uma dissertação de mestrado¹ cujo objetivo foi analisar que/quais jogos de poder e saber concorrem para a constituição de uma docência exercida por pessoas trans, no contexto da produção acadêmica educacional brasileira.

Compreendemos que esta discussão é relevante para o debate sobre a produção das diferenças, na relação com a Educação, com a escola e com a docência. Move-nos, entre outras, a expectativa de produzir reflexões sobre os desafios de pessoas não-cis no exercício do trabalho como professor e professora, levando em consideração o aceno de Sara York² (2020, p. 51): "dentre as principais pautas trans até aqui estão o direito à educação e alternativas de empregabilidade".

Neste artigo, ao utilizarmos a expressão "pessoas trans", estamos nos referindo às "identidades [que] estão contempladas no termo 'trans*': transexuais, mulheres transgêneras, homens transgêneros, transmasculines e

¹ As pesquisas vinculadas ao presente artigo foram desenvolvidas com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Financiamento: Programa de Excelência Acadêmica (PROEX).

² Citamos o nome e o sobrenome das autoras e dos autores quando referenciados pela primeira vez, para dar visibilidade às mulheres e aos homens com quem dialogamos. Trata-se de uma escolha que decorre do modo como entendemos e assumimos gênero nesta pesquisa, ou seja, como ferramenta ética, política, teórica e metodológica.



peças não binárias” (NASCIMENTO, Letícia, 2021, p. 18-19). Esta marcação é importante para visibilizar os sujeitos com quem e sobre os quais dialogamos neste texto. É um movimento ético e político que nos convida a problematizar a produção da cisgenderidade, em que as pessoas cisgêneras têm seus corpos, gêneros e desejos “tão artificiais e produzidos como os das pessoas trans*” (NASCIMENTO, 2021, p. 97).

Dito isso, importa observarmos que a produção da reflexão apresentada está relacionada a uma agenda mais ampla de pesquisa, vinculada a um grupo de pesquisa¹ que têm se ocupado em produzir conhecimentos sobre Pedagogia, ensino e profissionalidade docente. Desta forma, procura-se mobilizar ferramentas teórico-metodológicas pertinentes aos Estudos em Docência, Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas, Estudos Queer e Estudos Foucaultianos

[...] que demandam assumir o currículo e o gênero como questões políticas e sinalizam que é preciso examinar os processos que envolvem a produção dos saberes e como estes não deixam de ser criações e experimentações capazes de apontar sempre para sua fluidez, inconstância e contingência histórica (DAL’IGNA, Maria Cláudia; KLEIN, Carin; MEYER, Dagmar, 2016, p. 482).

Nesta direção, este artigo é uma aposta ética, política e pedagógica nas possibilidades de alargamento de viver daqueles que se reconhecem como professores e professoras, e é, ao mesmo tempo, uma discussão sobre o alargamento da compreensão sobre docência.

É possível apresentar esta discussão, nestes moldes, pois analisamos o conjunto de teses e dissertações reunido pelo desenvolvimento de uma metapesquisa, e o levamos adiante à luz dos primeiros resultados da pesquisa em andamento “A produção de sentidos sobre afeto, amor e cuidado na formação inicial docente sob a perspectiva de gênero”, coordenada por Dal’Igna, cujo desenvolvimento permite sustentar a tese de que “gênero, articulado à sexualidade, conforma os caminhos da formação e da profissionalização docente” (DAL’IGNA, 2017; 2023).

Neste texto, mobilizamos esta compreensão para argumentar pela queerização da docência, processo que ocorre pelos atravessamentos entre transexualidade, docência e Educação, produzindo um modo da própria docência reexistir.

2. Discussão teórico-metodológica: uma análise da produção de conhecimento sobre docência exercida por pessoas trans

Como percurso teórico-metodológico, procedemos à análise de três teses de doutorado e cinco dissertações de mestrado, localizadas a partir da busca no banco de teses e dissertações da CAPES, dentro da temporalidade 2009 a 2019.

² Lola. Grupo de Pesquisa em Trabalho Docente, Gênero e Sexualidade, coordenado pela professora Maria Cláudia Dal’Igna (UNISINOS/PPGEdu/CNPq).



Como descritores, utilizamos: (A) docência, homossexualidade; (B) docência, transexualidade; (C) docência, travesti; e, (D) gays, lésbicas, docência. Desejava-se, com estes descritores, localizar o maior número de pesquisas possível, mas, principalmente, aquelas que tinham como temática central a docência exercida por pessoas trans. Os descritores foram utilizados isoladamente, ano a ano.

Ao final do levantamento das pesquisas encontradas, foi realizada a leitura de todos os títulos, e aquelas que não tinham como foco a docência, não foram selecionadas. O próximo movimento/critério foi realizar a leitura dos resumos e dos principais resultados. De novo, algumas pesquisas não permaneceram, pois buscavam compreender como ocorria o ensino das temáticas de gênero e sexualidade na escola, ou ainda como são (ou não) trabalhadas em sala de aula, na formação continuada dos professores e das professoras. Optamos pelo período de 2009 a 2019 a fim de tentar identificar como a(s) docência(s) têm sido mapeada(s), descrita(s) e analisada(s) na última década, temporalidade marcada por investimentos de diferentes ordens na formação docente e na escola como espaço generificado e sexualizado (SILVA, 2021; DAL'IGNA, 2023).

Nomeamos esse caminho metodológico, primeiramente, como *pesquisa documental*, inspiradas em traduções e aproximações entre André Cellard (2008), Michel Foucault (2000) e Jacques Le Goff (1996). Apostamos nesta estratégia de pesquisa, pois a entendemos como possibilidade de seleção, de agrupamento e de reconstrução de trabalhos que, uma vez reunidos, nos permitem mapear, descrever e analisar a constituição de uma docência exercida por pessoas trans no Brasil.

Contudo, consideramos, ainda, que o caminho metodológico desenvolvido está em consonância com aquilo que Jefferson Mainardes (2018) aponta como "metapesquisa". Isso é possível, pois desenvolvemos um estudo que se ocupa de pesquisas já concluídas e, em consonância com as considerações do(s)/a(s) autor(es)/a(s), observamos recorrências e/ou afastamentos na produção de conhecimento sobre o que tem sido produzido sobre a relação entre escola e docência de pessoas trans. Assim sendo, o trabalho aqui apresentado pode ser representativo do que defende Mainardes (2018, p. 4): nas "[...] Ciências Humanas e Sociais, a metapesquisa pode ser utilizada para realizar uma avaliação das pesquisas, identificar características, tendências, fragilidades e obstáculos para o desenvolvimento de um campo ou temática de pesquisa".

Em que pesem as especificidades dessas nomenclaturas, assumimos a segunda e compusemos a empiria, conforme descrito, e esse movimento de produção resultou no corpus analítico apresentado a seguir.

A tese *A emergência de professoras travestis e transexuais na escola: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas* foi desenvolvida por Marcos Torres, em 2012, sob a orientação do professor doutor Marco Prado, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais. O autor

procurou entender como essas professoras ingressam e permanecem na profissão docente. Para isso, realizou entrevistas com sete professoras trans e analisou, desde a perspectiva da análise de discurso, dois documentos — Os Princípios de Yogyakarta e o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos de LGBT — elaborados por grupos que defendem políticas de direitos humanos.

Como resultados, apontou “que a heteronormatividade e/ou normas de gênero foram capazes de produzir relações de gênero que permanecem hierarquizando os corpos [...]” (TORRES, 2012, p. 15). Para o autor, “a negociação necessária entre essas professoras e a escola e delas com os movimentos sociais LGBT são fatores necessários à permanência das trans na profissão docente” (TORRES, 2012, p. 6-7).

A dissertação *A pedagogia do salto alto: histórias de professoras transexuais e travestis na educação brasileira* escrita, escrita por Marina Reidel, em 2013, e orientada pelo professor doutor Fernando Seffner, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, interroga a presença de “professoras transexuais e travestis na educação brasileira. A partir das provocações *Como vivem? Onde estão?*” (REIDEL, 2013, p. 14, grifos da autora), a autora se atentou às histórias de vida de professoras transexuais e travestis, desde a análise de suas participações “nos seminários e eventos sobre Educação, Diversidade e encontros do movimento LGBT” (REIDEL, 2013, p. 14).

Como resultados, descreveu e problematizou aquilo que nomeou como “pedagogia do salto alto: uma nova leitura que traz as histórias de professoras transexuais e travestis atuantes na educação brasileira como personagens que, por muito tempo, ficaram escondidas ou às margens da sociedade” (REIDEL, 2013, p. 7).

Com o objetivo de “identificar e problematizar indícios de desestabilização que a presença de professoras travestis, transexuais e transgêneros provoca na sala de aula em que essas pessoas atuam” (FRANCO, Neil, 2014, p. 9), construiu sua tese intitulada *Professoras trans brasileiras: ressignificação de gênero e sexualidades no contexto escolar*, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da professora doutora Graça Cicillini, em 2014. Para isso, realizou entrevistas e questionários com doze professoras trans das cinco regiões do país. Como resultado, o autor destacou que “por serem interpelados/as como sujeitos que histórica e culturalmente devem ocupar as margens da sociedade, a presença da professora trans na escola desestabiliza os princípios hegemônicos da heteronormatividade” (FRANCO, 2014, p. 9), além disso, “essas professoras representam uma pequena parcela de pessoas trans que conseguiram suportar as imposições heteronormativas em razão da vulnerabilidade social a qual são expostas desde as fases iniciais da educação básica” (FRANCO, 2014, p. 208).

Rodrigo Bravin (2016), em sua dissertação *(Trans)Pensando a educação social: os sentidos de ser (trans)educadora social*, descreveu os sentidos de ser (trans)educadora social. A pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-

Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação do professor doutor Hiran Pinel. A partir de três entrevistas com uma educadora social trans de família cristã evangélica, o autor problematizou que “o ser (trans)educadora o social está intimamente ligado ao **compromisso** com a dignidade de seus pares, da família e de colegas que também experimentaram a exclusão na escola” (BRAVIN, 2016, p. 9, grifos do autor). Identificou também que este ser (trans)educadora social “produz uma pedagogia do **aprender** que [...] está envolvido no **resistir** à desumanização promovida pelas drogas, pela prostituição, pelas relações com aliciadores e cafetões e a um modelo educacional que não aceita as diferenças e impõe a evasão” (BRAVIN, 2016, p. 9, grifos do autor).

Lucivando Martins produziu sua pesquisa de dissertação intitulada *Entre ocós, truques e ataques: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras sociais trans do projeto trans forma ação*, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Piauí, sob orientação da professora doutora Shara Adad, em 2016. A partir de um percurso metodológico sociopoético, o autor discutiu “que as multiplicidades agenciadas pelas educadoras trans em suas experiências educativas problematizam as concepções instituídas de gênero para que se pense em outras formas de existir na educação”, pois “as educadoras trans e seus saberes e experiências educativas atuam como disparadores/agenciadores que mobilizam pensar outros modos de educar na contemporaneidade ao inserir um aprendizado para/com/pelas diferenças” (MARTINS, 2016, p. 11).

A tese defendida por Dayana Santos intitulada *Docências trans*¹: entre a decência e a abjeção* investigou “a interdição da educação básica para a professora trans*”, problematizou que é comum “à travesti somente a prostituição, as ruas, as pistas e o escândalo” (SANTOS, 2017, p. 9). A pesquisa foi realizada em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora doutora Maria César. Como tese, a autora defendeu “a produção de uma docência-decente”, discutindo que a docência das professoras trans “coloca em xeque essa categoria de docência-decente por se constituir como um escape, uma afronta às rígidas normas de gênero e sexualidade” (SANTOS, 2017, p. 23).

Rubens Modesto apresentou a dissertação *Sobre coragem e resistência: contando a história de Leona, professora e mulher trans*, em 2018. O autor refletiu sobre a “história de vida de Leona, professora transexual, da cidade de Congonhas/MG, seu ingresso e permanência na docência, por meio da narrativa de suas experiências e vivências” (MODESTO, 2018, p. 9). A pesquisa, orientada

¹ Santos (2017) utiliza a grafia trans* “com asterisco ao final, por se referir a uma constituição abrangente em relação às diferentes possibilidades de se constituir no gênero identificado, desestabilizando o binômio travestis-transexuais” (SANTOS, 2017, p. 24). Tal grafia foi proposta pelo movimento social Transfeminismo que se propõe como pós-identitário. Entretanto, segundo a autora, este termo também possui limitações, ao se conectar com o discurso identitário, uma vez que, conforme o site do Transfeminismo: “[é] importante ressaltar que a identidade é soberana e as pessoas trans* tem a palavra final quanto à sua própria identificação”. Disponível em: trans* - termo guarda-chuva | Transfeminismo (wordpress.com). Acesso em: 01 ago. 2023.

pelo professor doutor Marco Torres, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Ouro Preto, discutiu a mobilização de diversas “estratégias” para Leona manter-se na profissão. “Assim como outras professoras transexuais, Leona utiliza mecanismos para manter-se na profissão docente, tais como ameaças de processos, realização de um trabalho singular e a estabilidade no serviço público”, apontou Modesto (2018, p. 11).

A dissertação de Giseli Passos *Homens (trans): transmasculinidades na educação*, foi produzida no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em 2019. A autora buscou “investigar como se dá a inserção e permanência de homens (trans) na docência, identificando tabus, desafios, obstáculos, enfrentamentos, resistência e conquistas que permeiam suas trajetórias profissionais” (PASSOS, 2019, p. 8). Para isso, foram realizadas sete entrevistas semiestruturadas on-line, via aplicativo do *WhatsApp*, com homens (trans) docentes. Como resultado, a autora ponderou que “os desafios enfrentados pelos docentes transexuais são os mesmos enfrentados pelos discentes transexuais, sejam eles homens ou mulheres” (PASSOS, 2019, p. 8).

Apresentadas as pesquisas, é preciso indicar, ainda nesta parte do texto, que as analisamos mobilizando o conceito de docência, tal como é compreendido por Elí Fabris e Dal’Igna (2017, p. 56), isto é, “[...] uma condição exercida pelo professor comprometido com o processo de ensino e com as possíveis aprendizagens promovidas a partir dele”. Dialogamos com essas autoras, para assumir a compreensão de que entender a docência como um exercício de ação intencional, fundamentada teórica e metodologicamente, é fundamental na contemporaneidade para se contrapor aos movimentos de cerceamento da liberdade de ensinar já descritos e problematizados por Santos e Karina Mottin (2020) e Carlos Barzotto e Seffner (2020). Consideramos, ainda, que a docência é constituída no atravessamento entre diferentes marcadores como classe social, raça e geração, que em articulação com a heterocisnorma é definida e, ao mesmo tempo, normalizada (DAL’IGNA, Maria Cláudia; SILVA, Jonathan; SILVA, Miriã, 2019; SILVEIRA, Catharina, 2022).

Desde esta compreensão de docência, portanto, investigamos o material empírico constituído pelas oito pesquisas já apresentadas, buscando verificar o que a produção de conhecimento tem se prestado a descrever e problematizar sobre a relação entre docência e transexualidade no campo da Educação. E este é o recorte a que se presta este artigo: o exame dessa materialidade nos permite defender a ideia de uma queerização da docência, como argumentaremos na próxima seção.

3. Discussões e análises: o que é possível observar e defender a partir das pesquisas estudadas?

Santos (2017) utiliza a expressão heterocisnormatividade entendendo que “refere-se às normas de gênero e sexualidade vigentes no Ocidente pelas quais o instituído como norma é o corpo não trans* e as práticas sexuais heterossexuais” (SANTOS, 2017, p. 185) que seria a junção de

“heteronormatividade” e “cisnormatividade”. Entendemos que a compreensão da autora movimentada o que Dal’Igna, Meyer, Priscila Dornelles e Klein (2019, p. 4) sinalizam: “[...] o gênero e a sexualidade estão fortemente implicados nos processos de gestão da vida e de condução da conduta de mulheres e de homens, criando formas de regulação para torná-los sujeitos capazes de agir sobre si e sobre os outros [...]”.

Guacira Louro (2013), ao entender que os sujeitos são produzidos de forma plural e permanente (um tornar-se), e há um investimento de diversas instâncias sociais nesta constituição, afirma que talvez estes sujeitos que cruzam as fronteiras de gênero e de sexualidade não escolham livremente esta travessia. Ao mobilizar o pensamento dessas autoras, compreendemos junto ao trabalho de Santos (2017) que, pensar a relação entre transexualidade e docência é colocar-se atentos/as às travessias e às marcas de gênero e sexualidade que conformam a docência e a profissionalidade.

Neste sentido, o pensamento de Louro (2013) junto ao de Meyer (2012) nos ajuda a pensar que gênero opera, organizando o social e a cultura. Compreender gênero desta forma significa ampliar as possibilidades de ver/pensar a constituição dos sujeitos e a própria docência, e colocar sob suspeita a noção de uma matriz central, ou seja, aquele lugar “[...] materializado pela cultura e pela existência do homem, branco, ocidental, heterossexual e de classe média” (LOURO, 2013, p. 43) que tem estruturado os modos de ser, de estar, e exercer a docência, e opera na condução das condutas dos sujeitos docentes.

Ao analisar as noções de “normal”, “diferente” e “excêntrico”, Louro (2013) aponta que não basta reconhecer que os sujeitos podem viver de muitas formas o gênero e a sexualidade, é preciso problematizar a generificação das instituições evidenciando os efeitos da heteronorma. Para a autora, “[...] afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico” (LOURO, 2013, p. 44).

Assim sendo, refletimos junto à tese de Torres (2012, p. 15) em “que a heteronormatividade e/ou normas de gênero foram capazes de produzir relações de gênero que permanecem hierarquizando os corpos [...]”. Para desenvolver suas análises, o autor apoiou-se nos estudos de Norbert Elias (1994) sobre as noções de *outsider* e estabelecidos. *Outsider* seriam os sujeitos que transgridem a norma ou, conforme Torres (2012, p. 15-16), “[...] sujeitos classificados e percebidos como humanamente inferiores [...]” que “[...] podem ser marcados por estigmas e se tornarem motivo de repulsa, nojo, ódio, enfim, a eles são atribuídas as piores características dos contextos em que existem”.

Rafael Santos e Marcio Nicolau (2018) contribuem com nossa reflexão, uma vez que realizam uma problematização acerca da “produção de vidas precárias, ditas como vidas e corpos que não importam, que por possuírem menos peso no sistema heteronormativo, são produzidas como vidas descartáveis” (SANTOS; NICOLAU, 2018, p. 70). Segundo os autores, podemos nos perguntar e refletir:

[...] quais vidas serão qualificadas como “vidas humanas”, quais corpos importam/pesam e quais não. Qualificando como “menos humanas” algumas vidas, enunciam o que será uma vida habitável, uma morte passível de ser lamentada (e, ao mesmo tempo, quais vidas serão vistas como “excedentes”, “descartáveis”, “não passíveis de luto”) (SANTOS; NICOLAU, 2018, p. 72).

A exemplo do que argumentamos junto a Torres (2012) e a Santos (2017), o olhar que lançamos aos trabalhos analisados, nos leva a pensar que a (re)existência e a experiência trans na docência significa reconhecer que estes corpos existem, estão aí — nas salas de aulas, nos espaços educativos, na vida — e precisam ser respeitados, legitimados e reconhecidos como vidas, “[...] como formas políticas, éticas e estéticas de resistências ao biopoder e à governamentalidade” (SANTOS; NICOLAU, 2018, p. 77). Se estas vidas “[...] não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vida de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras” (BUTLER, Judith, 2015, p. 13).

Ao analisarmos as pesquisas que compõem nossa empiria, percebemos uma narrativa recorrente destes sujeitos trans, que nos fazem pensar que, ao estarem inseridos na docência, mesmo tendo que resistir às diversas formas de regulação, de violência, de preconceitos e de transfobia (direta e indiretamente) — pois borram a norma — suas vidas passam a ser legitimadas, ressignificadas, estes corpos ganham uma (nova) posição social, e estabelecem outra relação consigo mesmos e com os outros, podendo assim ser respeitados, reconhecidos, valorados.

A seguir, apresentamos alguns fragmentos do material que são representativos de uma recorrência nas pesquisas estudadas, que nos possibilita refletir sobre tais questões.

[...] evidenciamos que essas professoras representam uma pequena parcela de pessoas trans que conseguiram suportar as imposições heteronormativas em razão da vulnerabilidade social a qual são expostas desde as fases iniciais da educação básica, associadas a processos de exclusão anteriores que perpassam a família, a rua, a igreja, a comunidade e outros. Mesmo sendo um dos espaços no qual as docentes mais vivenciaram o preconceito e a discriminação, a escola constituiu-se como seu local de ascensão social e profissional (FRANCO, 2014, p. 209).

Nós estamos resistindo, realmente não deixando que o preconceito faça com que a gente segregue em profissões como cabelereiras ou como profissionais do sexo, ou cozinheira, a gente está indo além dessas profissões que por longos anos onde a gente se segregou [entrevistada] (MARTINS, 2016, p. 144).

Assim como para as travestis entrevistadas por Luma Andrade, a educação foi o caminho que Leona escolheu, apesar de todas as

adversidades, por considerar que somente por meio da educação, outras portas poderiam se abrir. A escola, embora seja um local onde se reiteram as regras heteronormativas, esse lugar de opressão também foi uma possibilidade profissional e de autonomia financeira para Leona (MODESTO, 2018, p. 81).

A partir dos excertos apresentados, pode-se perceber que a presença de pessoas trans na profissão docente mostra as possibilidades de constituírem-se de modos outros, mesmo em meio a jogos de poder e saber sobre o corpo, o gênero e a sexualidade. Isso posto, nos parece possível dar visibilidade às narrativas que reconhecem a escola, mais especificamente a docência, como uma “porta aberta”, como um espaço possível de resistência a estes estigmas e às formas de subalternização as quais essas vidas estiveram/estão expostas, e de (re)existir de outros modos, assumir outros espaços, estabelecer outras relações consigo e com os outros.

Marlucy Paraíso (2016, p. 388), a partir de fragmentos das pesquisas que realiza no campo curricular “sobretudo da discussão do projeto ideologia de gênero com um grupo de professoras da educação básica”, realizou o estudo intitulado *A ciranda no currículo com gênero, poder e resistência* “para explorar a possibilidade de operar no campo do currículo com uma noção de *resistência como força que mobiliza e cria possíveis*” (PARAÍSO, 2016, p.388). A autora “[...] analisa as estratégias de poder usadas por grupos reacionários no Brasil para controlar o currículo e proibir a discussão de gênero e sexualidade na escola” (PARAÍSO, 2016, p. 388). Junto à autora temos entendido resistência

[...] como força que move, atravessa, que torce e se alimenta de outras forças com o intuito de aumentar a potência dos corpos. É efeito de encontros capazes de mobilizar forças; é força inventiva que move e cria possíveis. [...] A resistência abre espaços, abre caminhos, cria possibilidades. *A resistência cria um re-existir, ou seja, um existir de um outro modo* (PARAÍSO, 2016, p. 389, grifos da autora).

Viviane Weschenfelder, em sua tese de doutorado *Modos de (re)existir, de (res)entir: mulheres negras e relações raciais na educação contemporânea*, defendida em 2018, orientada pela professora doutora Elí Fabris, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, analisou 36 “narrativas autobiográficas produzidas e publicadas por mulheres negras no blog *Blogueiras Negras*” (Weschenfelder, 2018, p. 11). A autora destacou que “ao se reconhecerem como mulheres negras, as autoras produzem outros modos de ser e de estar no mundo que se configura, também, como formas de resistir às relações de dominação a que estão historicamente expostas” (WESCHENFELDER, 2018, p. 25).

À vista disso, temos entendido que a entrada de pessoas *trans* na profissão docente e na escola, ao mesmo tempo que as faz pessoas reguladas pela matriz heterocisnormativa, cria possibilidades outras de resistir e (re)existir — para as pessoas trans e para a própria docência. Isso acontece quando, ao

forjar a docência por meio de uma *vida vivível*, a presença e o trabalho dessas pessoas forçam a docência a livrar-se de uma certa moralidade e de uma certa decência que a atravessam e a constituem. É a esse processo que força e forja modos outros de ser, de estar e de existir docente no contemporâneo que nominamos de queerização da docência.

Para Jamil Sierra (2013), a vida vivível é aquela que cria possibilidades de/para resistir e (re)existir. Para desenvolver tal argumento, o autor toma para suas análises a história de vida de Gilda de Abreu, que passou a viver em Curitiba em meados de 1973, tal como chegou: “[...] mendiga, barbuda, afeminada. Macho-fêmea numa só carne e vestida de gala em plena luz do sol, a cidade a aguardava para mais um show. Adorava dançar” (SIERRA, 2013, p. 90). A partir da história de vida de Gilda, o autor nos leva a pensar que ela

[...] fazia de seu corpo mesmo o lugar de inscrição do seu modo de vida. Era escandalizado por meio do corpo, que ela manifestava a verdade, que se dirigia ao outro, que implementava, nessa relação com o outro, marcas do que chamo nessa pesquisa de *vida vivível*, isto é, uma outra *vivibilidade* ético-estético-política, uma outra relação consigo, instaurada de um fazer político que se materializa no próprio corpo: o corpo, ele mesmo, como a manifestação da verdade (SIERRA, 2013, p. 101).

Caminhamos junto ao pensamento de Sierra (2013) para defendermos o processo de queerização da docência, e o fortalecemos buscando dialogar com as possibilidades de/para (re)existir promovidas pelas reflexões de João Silva e Paraíso (2017) sobre a emergência de infâncias queer. O autor e a autora nos convidam à reflexão de que desde que se pensou a infância, o corpo infantil enquanto invenção da modernidade, atribuiu-se “o signo da atemporalidade, ingenuidade [...]” incontestável, por sua reiteração e naturalização. Esta racionalidade discursiva acabou “[...] por produzir um modo de pensar a infância marcado pelo universal, natural e a-histórico, impedindo-nos de olhar para a emergência de infâncias outras [...]”, denominadas de *queer* “transviadas, estranhas, bichas, sapatonas e transgêneras” (SILVA; PARAÍSO, 2017, p. 1).

A partir de Silva e Paraíso (2017, p. 1), compreendemos que tanto os corpos infantis queers, como a docência exercida por pessoas trans ao resistir “[...] aos diferentes mecanismos de poder, rebelam-se, contestam e bagunçam as normas que os querem produzir e governar”. Assim como a queerização da docência, “[...] os infantis-queers são capazes de efetuar no currículo um ‘devir-criativo’ que permite a construção de novas formas de relação e um ‘devir-transviado’ que afeta e contagia todas as crianças [e o corpo docente]” (SILVA; PARAÍSO, 2017, p. 2).

Ao analisar os argumentos das três teses e das cinco dissertações aqui apresentadas, reconhecemos que pensar a docência como uma possibilidade outra, de constituir-se de outro modo, como um devir-professora-trans, uma estética da (re)existência, um modo de vida queerizado (SIERRA, 2013), não é algo fácil e que talvez possa soar demasiadamente ambicioso. Contudo,

apostamos na visibilização da escola como espaço de alargamento das possibilidades da existência trans e fazemos esse movimento, concordando com Torres (2012, p. 263) quando afirma que “a escola certamente não é ou será a salvação das trans, mas pode ser um local de apoio aos sujeitos, quando desenvolve políticas que enfrentam a subalternização daqueles marcados pelas sexualidades divergentes das normas de gênero”.

Ao apresentarmos, neste artigo, uma metapesquisa com a produção acadêmica educacional brasileira produzida no decênio 2009 a 2019, que relaciona docência e transexualidade, visibilizamos que um conjunto de trabalhos têm dito que a inserção de pessoas trans na profissão docente cria possibilidades outras de viver para estes sujeitos. A partir daí, contribuimos com essa produção, dialogando com ela a partir do que temos sustentado como: a presença da transexualidade, que disputa discursos e jogos de poder/saber que, desde uma matriz heterocisnormativa, atravessa e constitui a docência com corpo, com gênero e com sexualidade, forja um processo de re-existência da própria docência, produzindo um processo que aqui nomeamos de queerização (DAL’IGNA, 2017; 2023; SILVA, 2021).

Como uma aposta, esse processo não flerta com a pretensão de tornar-se um novo ideal a ser perseguido. Sustentamo-na inspiradas/o no pensamento de Louro (2018), a quem devemos a apresentação e a tradução da teoria queer para o campo educacional brasileiro. Ao dialogarmos com a produção de conhecimento sobre docência contemporânea, apostamos na queerização da docência, entendendo que “não se trata, pois, de tomar sua figura como exemplo ou modelo, mas de entendê-la como desestabilizadora de certezas e provocadoras de novas percepções” (LOURO, 2018, p. 24). Ainda fazendo uso das palavras da autora, compreendemos que o processo de queerizar pode ser uma aposta na potência em “[...] passar dos limites, atravessar-se, desconfiar do que está posto e olhar de mau jeito o que está posto [...]” (LOURO, 2018, p. 64) para a vida das pessoas trans e para a docência.

Finalizamos este trabalho, nos posicionando como professoras cis-aliadas e professor cis-aliado que compreendem a importância de manter suas próprias docências atadas aos debates públicos e atentas aos projetos neoconservadores brasileiros que interpelam a Educação, a escola e os nossos trabalhos como produtores de modos mais ou menos aceitáveis de ser e de viver no mundo. Fazemos isso, pois, “tal enfoque visa a necessidade de subverter a realidade atual para que chegue o tempo em que a humanidade venha a horrorizar-se ao rememorar a época em que a multiplicidade de formas de existir era atacada” (PEREIRA, Anamaria; PEREIRA, Camila; POCAHY, 2021, p. 138).

Desejamos, ainda, que as reflexões aqui levantadas, possam contribuir para problematizar os modos pelos quais a docência em articulação com gênero e sexualidade tem sido constituída, de modo que possamos viver de outros modos e exercer a docência a partir de outros referentes. Docência outra. Vida outra.

REFERÊNCIAS

BARZOTTO, Carlos Eduardo; SEFFNER, Fernando. Escola sem partido e sem gênero: redefinição das fronteiras público e privado na educação. **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 58, p. 150-167, abr./jun. 2020.

BRAVIN, Rodrigo. **(Trans)Pensando a educação social**: os sentidos de ser (trans)educadora social. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é possível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean et. al (orgs.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-315.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. **A produção de sentidos sobre afeto, amor e cuidado na formação inicial docente sob a perspectiva de gênero (2017-2021)**. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2020. [Projeto de Pesquisa].

DAL'IGNA, Maria Cláudia. **Nós da docência**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023 (no prelo).

DAL'IGNA, Maria Cláudia; KLEIN, Carin; MEYER, Dagmar Estermann. Generificação das práticas escolares: uma abordagem feminista pós-estruturalista. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 16, p. 468-487, 2016.

DAL'IGNA, Maria Cláudia; MEYER, Dagmar Estermann; DORNELLES, Priscila Gomes; KLEIN, Carin. Gênero, sexualidade e biopolítica: processos de gestão da vida em políticas contemporâneas de inclusão social. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 27, n. 140, p. 1-26, nov. 2019.

DAL'IGNA, Maria Cláudia; SILVA, Jonathan Vicente da; SILVA, Miriã Zimmermann da. Há diferença? Processos de constituição da identidade profissional de docentes homossexuais. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, v. 2, p. 184-208, 2019.

FABRIS, Elí Henn; DAL'IGNA, Maria Cláudia. Nenhuma escola está imune às ondas de violência e conservadorismo. [Entrevista concedida a] João Vitor Santos. **Revista IHU**, n. 516, ano XVII, p. 56-61, 2017.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



FRANCO, Neil. **Professoras trans brasileiras**: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". *In*: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 43-53.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAINARDES, Jefferson. Metapesquisa no campo da política educacional: elementos conceituais e metodológicos. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 303-319, nov./dez. 2018.

MARTINS, Lucivando Ribeiro. **Entre ocós, truques e ataques**: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras sociais trans do projeto trans forma ação. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 47-61.

MODESTO, Rubens Gonzaga. **Sobre coragem e resistência**: contando a história de Leona, professora e mulher trans. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016.

PASSOS, Giseli Cristina dos. **Homens (trans)**: transmasculinidades na educação. 2019. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Trabalho) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.



PEREIRA, Anamaria Ladeira; PEREIRA, Camila Santos; POCAHY, Fernando. Docência sapatão: desobediências cotidianas na educação infantil e anos iniciais. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 2, n. 2, p. 132-152, 2021.

REIDEL, Marina. **A pedagogia do salto alto**: histórias de professoras transexuais e travestis na educação brasileira. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. **Docências trans***: entre a decência e a abjeção. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos; MOTTIN, Karina Veiga. Os efeitos de poder produzidos pelo projeto escola sem partido na docência. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 13, n. 42, p. 297-312, jul./dez. 2020.

SANTOS, Rafael França Gonçalves dos; NICOLAU, Marcio. Vidas precarizadas e existências reinventadas: experiências trans entre o Brasil e a Europa do Sul. **Transversos**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 70-89, dez. 2018.

SIERRA, Jamil Cabral. **Marcos da vida viável, marcas da vida vivível**: o governo da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para a teorização político-educacional LGBT. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Bagunçando as normas de gênero: crianças transviadas e a invenção de outros possíveis no currículo escolar. In: 7º SEMINÁRIO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 2017, Canoas. **Anais** [...]. Canoas: Universidade Luterana do Brasil, 2017.

SILVA, Jonathan Vicente da. **Regulação e queer(ização) da docência**: análise da produção de acadêmica educacional brasileira entre 2009 e 2019. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

SILVEIRA, Catharina da Cunha. Docência na educação infantil de periferia e a infantilização da inclusão social. In: Fernando Seffner; Jane Felipe (orgs.). **Educação, gênero e sexualidade**: (im)pertinências. Rio de Janeiro: Vozes, 2022. p. 138-166.

TORRES, Marco Antonio. **A emergência de professoras travestis e transexuais na escola**: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-

Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

WESCHENFELDER, Viviane Inês. **Modos de (re)existir, de (res)sentir:** mulheres negras e relações raciais na educação contemporânea. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

YORK, Sara Wagner Pimenta Gonçalves Júnior. **Tia, você é homem?** Trans da/na educação: Des(a)fiando "sistemas" e ocupando a pós-graduação. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Recebido em: 20 de dezembro de 2022.
Aceito em: 10 de setembro de 2023.
Publicado em: 16 de novembro de 2023.